

IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:

Desafios Contemporâneos das
Sociedades Ibero-Americanas

De 23 a 27 de agosto de 2021

EVENTO ONLINE

ANAIIS DO EVENTO

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



Comissão Organizadora

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Marcelo Feldhaus	Diretor de Ensino de Graduação Representante da Pró-Reitoria Acadêmica Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Carlos Renato Carola	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato	Coordenadora do Curso de Artes Visuais Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Bruno Dandolini Colombo	Curso de Educação Física Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Cibebe Beirith Figueiredo Freitas	Coordenadora Adjunta do curso de Letras Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Jeferson Luis Azeredo	Comissão de Divulgação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Lucene Cândido Magnus	Representante discente do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Vanessa Marcos Medeiros	Representante do Conselho Editorial Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Rafaela Ribeiro Pereira	Representante da Diretoria de Ensino de Graduação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Comissão Científica

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Prof. Dr. José Antonio Mateo	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER (Argentina)
Profª. Dra. Ana Paula Vosne Martins	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Profª. Dra. Silvia Maria de Favero Arend	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Profª. Dra. Amalia Morales Villena	Universidad de Granada - Espanha
Profª. Dra. Maria Stephanou	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Denise Balarine Cavalheiro Leite	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Ana Sabrina Mora	Universidad Nacional La Plata - UNLP (CONICET) - Argentina
Profa. Dra. Patrícia Ferraz de Matos	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Miguel Anxo Santos Rego	Universidade de Santiago de Compostela - Espanha
Prof. Dr. Agustín Escolano Benito	Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE) - Espanha
Prof. Dr. Alex Sander da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Prof. Dr. António Gomes Ferreira	Universidade de Coimbra - Portugal
Profª Dra. Patricia Paola Ames Ramello	Pontificia Universidad Católica del Perú - Peru
Profª Dra. Maria Luiza Rico Gómez	Instituto Universitario de Estudios Sociales da América Latina Universidade de Alicante - Espanha
Profª Dra. Maria João Mogarro	Instituto de Educação Universidade de Lisboa - Portugal

Grupos de Trabalho

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves

Finanças

Amalhene Baesso Reddig, Aurélia Regina de Souza Honorato e Maxuel Sander Flor

Cultura

Birgit Harter Marques e Matheus Zimmermann

Monitoria

Caroline Bortot, Jeferson Luis de Azeredo e Lucas Damásio

Comunicação e Divulgação

Lucene Cândido Magnus e Rafaela Ribeiro Pereira

Secretaria Geral

Leila Laís Gonçalves, Paulo Martins e Wender Firmino

Tecnologia

Carlos Renato Carola e Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Apresentações de Pôsteres

Secretaria

Rafaela Ribeiro Pereira

Secretária da Diretoria de Ensino de Graduação
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Diagramação

Victor Burato

Designer

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



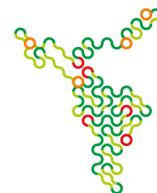
GT22

**Educação e Mídia: construção
de discursos e identidades**

SUMÁRIO

CLIQUE E SEJA DIRECIONADA/O PARA O TRABALHO

- 7 DEFENDA-SE, ATRAVÉS DOS CONTOS!**
Alda Cristina Nogueira Ferreira
- 12 DISCURSO DO CORPO E IDENTIDADE FEMININA NO PERFIL @PAPOSOBRE AUTOESTIMA**
Claudia Nandi Formentin
Vanessa Wendhausen Lima
- 23 O PROJETO DE INTERVENÇÃO COMO ESTÍMULO A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E O DESPERTAR PARA A CIDADANIA**
Edemilson Gomes de Souza
Gillys Vieira da Silva
- 33 QUEM É ESTA MULHER? IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS CAPAS DA REVISTA CLAUDIA**
Cláudia Nandi Formentin
Beatriz Formanski



DEFENDA-SE, ATRAVÉS DOS CONTOS!

Alda Cristina Nogueira Ferreira¹

Resumo: O projeto “Defenda-se, através dos contos!” consiste em uma atividade pedagógica interdisciplinar que priorizou o processo de ensino-aprendizagem com um olhar para a autodefesa das crianças contra a violência sexual, como tema transversal. O Projeto teve, ainda, um forte apoio das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) que resultou numa animação no formato Stop Motion.

Palavras-chave: Stop Motion; Alfabetização; Fábulas; Ensino Fundamental Anos Iniciais; Protagonismo; Tecnologias; Mão na Massa

Defend yourself through the contes!

Astract: This document is an account of the project “Defend yourself, through tales!”, an interdisciplinary pedagogical activity that prioritized the teaching-learning process with a view to the self-defense of children against sexual violence, as a cross-cutting theme. The Project also had strong support from ICTs (Information and Communication Technologies) which resulted in an animation in Stop Motion format.

Keywords: Stop Motion; Literacy; Fables; Elementary School Early Years; Protagonism; Technologies; Hands-on

Como docentes, temos a consciência de que a tecnologia é uma facilitadora para o processo ensino-aprendizagem, bem como um estímulo para o aluno construir o seu próprio aprendizado. Precisamos ter claro que estes recursos não vieram para substituir o professor e sim agregar à metodologia de ensino.

Há três anos, nossa equipe vem desenvolvendo a didática do *Stop Motion* com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, do Marista Escola Social São José. Em 2019, conciliamos a aprendizagem do currículo ao uso das tecnologias através do *Stop Motion*, com o tema transversal da “Autodefesa da criança contra a violência sexual”. Esta conciliação ligada ao interesse das crianças pelas tecnologias nos fez perceber o prazer e o encantamento delas pelos conteúdos que acabaram viabilizando novas formas de compreensão e a ampliação dos conceitos.

¹ Pedagoga, docente do Ensino Fundamental Anos Iniciais do Marista Escola Social São José.

No segundo trimestre do ano passado, a professora regente da turma 23 iniciou com os alunos uma atividade pedagógica intitulada “Era uma vez”, sob o tema: “Os contos contam, cantam, encantam, e a turma 23 reconta”. Esta proposta pedagógica, na tentativa de desenvolver as práticas sociais de leitura e escrita dos estudantes, foi acompanhada pelo professor de Educomunicação a fim de buscar, junto à turma e à professora, uma interdisciplinaridade orientada didaticamente pelas tecnologias.

Figura 1 - Estudantes do 2º ano, participantes do projeto, num momento de contação de histórias.



Fonte: Equipe do TVQ – Arquivo da Instituição

Após alguns ensaios e sugestões de articuladores e coordenadores, o grupo (entende-se aqui os professores e os estudantes) elaborou o Projeto “Defenda-se, através dos Contos”. O termo “defenda-se” foi uma inspiração a partir da campanha criada pelo Centro Marista de Defesa da Infância, que tem como base o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual de Crianças e Adolescentes, especialmente os Eixos de Prevenção e Protagonismo Infanto-juvenil.

Promover ações educativas de prevenção de violências e acidentes com crianças e adolescentes nas famílias e nas instituições de atendimento. (Objetivo Estratégico 1.4 - Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes)

O Projeto contou com várias etapas desde a prática da leitura, interpretação e produção de textos até a contação de histórias, entre elas a da “Chapeuzinho Vermelho”, que se tornou objeto cultural chave para a sequência do trabalho.

A partir da leitura do conto clássico mencionado, nas aulas de Português, os alunos criaram uma versão desta história, abordando questões relacionadas à prevenção da violência à criança. Foi uma experiência única de colaboração e motivação que culminou no **Roteiro de Gravação**. Na sequência, nas aulas de Artes, os alunos construíram seus **personagens** e fizeram a eleição de quais seriam o “atores contratados” para o filme.

Figura 2 - Estudantes durante a criação dos personagens.



Fonte: Equipe do TVQ – Arquivo da Instituição

As etapas seguintes aconteceram na sala de Educomunicação, equipada com computadores, câmera de filmagem e um mini estúdio produzido no contexto da *cultura maker* pelo professor e pelos estudantes. Ali foram gravados os áudios das falas dos personagens e a dedicada gravação do Stop Motion com mais de 500 fotos para a confecção da animação.

A etapa final da produção, um pouco mais técnica e exigente, ficou por conta do professor, mas com vários momentos de participação dos alunos para entenderem como aquelas fotos, quadro a quadro, feitas com muita dedicação e por “várias mãos”, se tornariam a sonhada animação pensada lá no início do projeto. O resultado, além do produto pretendido, foi o encantamento dos estudantes

no uso destas tecnologias para produzir animações que antes estavam tão distantes deles, reservadas a profissionais da área do audiovisual.

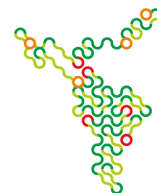
Figura 3 - Estudantes no processo de registro fotográfico.



Fonte: Equipe do TVQ – Arquivo da Instituição

Após cinco meses desde a primeira aula sobre o tema, o resultado foi uma “Noite de Cinema” preparada pela turma e pelos os professores para a comunidade acadêmica e aos pais dos estudantes. E os que levaram o Oscar naquela noite foram, sem dúvida, os estudantes, pois saíram encantados com a apresentação do filme e os elogios dos presentes em virtude do empoderamento deles ao usarem recursos tecnológicos que, antes, sequer conheciam, além da forte mensagem relacionada aos direitos das crianças e adolescentes.

Percebemos que com o uso das tecnologias, nós professores deixamos de ser os transmissores do conhecimento, visto de modo imanente e desconectado, e passamos a ser os mediadores no processo de aprendizagem, permitindo que os alunos explorassem e descobrissem suas potencialidades e o que são capazes de fazer.



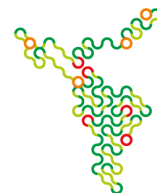
Referências

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Editora Cortez, 1994

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017. *E-book*.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Raquel. **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes**. Governo Federal – Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2018.
Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente> . Acesso em: 09/09/2021.



DISCURSO DO CORPO E IDENTIDADE FEMININA NO PERFIL @PAPOSOBREAUTOESTIMA

Claudia Nandi Formentin ¹
Vanessa Wendhausen Lima ²

Resumo: Historicamente as mulheres são cobradas por corpos perfeitos. Essa cobrança social se perpetua moldando o pensamento de meninas e mulheres sobre um padrão de corpo a ser seguido. A identidade feminina tem sido formada por meio de padrões de beleza propagados pela mídia e pelo mercado que, nessa busca incessante de mais nichos de atuação, incentivam o consumo de produtos e serviços que prometem emagrecer, embelezar, esconder imperfeições e, em casos extremos, eliminar ou refazer partes de corpos. Nos últimos anos, com o avanço das mídias sociais, o que fez com que pensamentos divergentes entrassem em contato ou em conflito, movimentos como o Movimento Corpo Livre têm surgido e evidenciado a possibilidade de uma existência pacífica entre mulheres e seus corpos. Pensando nesse cenário e com base em Hall (2016), Silva; Hall e Woodward (2014), Wolf (2018), hooks (2018), o objetivo desse trabalho é analisar a construção da identidade feminina e se esse discurso da liberdade do corpo é uma alternativa para aquelas que até então lutavam para se enquadrar em uma caixa que nem sempre lhes cabia. Esta pesquisa é qualitativa e bibliográfica e tem como objeto o perfil do Instagram identificado como @paposobreautoestima de Joana Cannabrava e Carla Paredes, especificamente em publicações da última semana de 2019 e da última semana de 2020. Espera-se encontrar um discurso que contribua para a construção de uma identidade mais livre, especialmente no que tange o padrão de beleza dos corpos femininos.

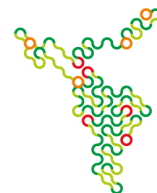
Palavras-chave: Identidade. Discurso. Padrão de Beleza. Movimento Corpo Livre. @paposobreautoestima.

BODY DISCOURSE AND FEMALE IDENTITY AT PROFILE @PAPOSOBREAUTOESTIMA

Abstract: Historically women are charged for perfect bodies. This social demand is perpetuated by shaping the thinking of girls and women about a body pattern to be followed. The female identity has been formed through standards of beauty propagated by the media and the market that, in this incessant search for more niches, encourage the consumption of products and services that promise to slim, beautify, hide imperfections and, in extreme cases, eliminate or redo body parts. In recent years, with the advancement of social media, which has caused divergent thoughts to come into contact or conflict, movements such as the Free Body Movement have emerged and highlighted the possibility of a peaceful existence between women and their bodies. Thinking about this scenario and based on Hall (2016), Silva; Hall and Woodward (2014), Wolf (2018), hooks (2018), the objective of this work is to analyze the construction of the female identity and whether this discourse of freedom of the body is an alternative for those who until then struggled to fit into a box that did not always fit

¹ Doutora em Ciências da Linguagem (Unisul), Professora da Unisatc e da Faculdade Senac. Criciúma, Santa Catarina, Brasil.

² Doutora em Ciências da Linguagem (Unisul), Professora da Unisatc. Criciúma, Santa Catarina, Brasil.



them. This research is qualitative and bibliographical and has as its object the Instagram profile identified as @paposobreautoestima by Joana Cannabrava and Carla Paredes, specifically in publications from the last week of 2019 and the last week of 2020. We hope to find a speech that will contribute to the construction of a freer identity, especially regarding the standard of beauty of female bodies.

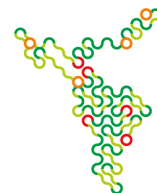
Keywords: Identity. Discourse. Beauty pattern. Body Positive. @paposobreautoestima

Introdução

Historicamente, as mulheres são cobradas por corpos perfeitos. Essa cobrança social se perpetua, moldando o pensamento de meninas e mulheres sobre um padrão de corpo a ser seguido. A identidade feminina tem sido formada por meio de padrões de beleza propagados pela mídia e pelo mercado que, nessa busca incessante de mais nichos de atuação, incentivam o consumo de produtos e serviços que prometem emagrecer, embelezar, esconder imperfeições e, em casos extremos, eliminar ou refazer partes de corpos.

Se as mídias tradicionais (especialmente a TV e os impressos como jornais e revistas) impunham um padrão de beleza quase inacessível, o advento da internet expôs ainda mais os corpos trazendo não apenas famosos, mas também pessoas ‘comuns’ na busca da perfeição física. Ao mesmo tempo, o espaço cibernético ampliou a possibilidade de vozes, que se posicionam contra tais padrões, encontrarem ouvidos que também se sentem incomodados com as imposições quanto à beleza. Nos últimos anos, movimentos como o Movimento Corpo Livre têm surgido e evidenciado a possibilidade de uma existência pacífica entre mulheres e seus corpos.

Pensando nesse cenário, e com base em Hall (2016), Silva; Hall e Woodward (2014), Wolf (2018), hooks (2018), o objetivo desse trabalho é analisar a construção da identidade feminina e se esse discurso da liberdade do corpo é uma alternativa para aquelas que até então lutavam para se enquadrar em uma caixa que nem sempre lhes cabia. Esta pesquisa é qualitativa e bibliográfica e tem como objeto o perfil do Instagram identificado como @paposobreautoestima de Joana Cannabrava e Carla Paredes, especificamente, em publicações da última semana de 2019 e da última semana de 2020. Uma atualização desse período se fez necessária, tendo em vista o momento pandêmico vivido mundialmente que impediu que projetos e produções científicas fossem atrasadas, sobretudo se estas são de autoria feminina.



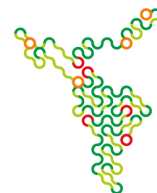
Identidade e Representação

A identidade ou as identidades são definidas historicamente. Trata-se de uma construção que pode ser modificada ao longo do tempo. Stuart Hall (2011, p. 13) ao definir o sujeito pós-moderno afirma que a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Assim, para o autor: “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente”. Os veículos de comunicação funcionam como um espelho para diversas questões sociais e possibilitam uma reflexão sobre os temas abordados. As representações formam sentidos pela linguagem e, para Stuart Hall (2016, p. 31), “a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura” sendo, assim, “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016, p. 31). São as representações que permitem que, simbolicamente, classifiquemos o mundo e as relações que mantemos com ele (WOODWARD, 2014).

Neste sentido Hall (2016) aponta para um mapa de significados que é compartilhado pela comunidade. Estes significados constroem os sentidos do que está presente dentro da sociedade de tal forma que em dado momento parecem, aqueles que compartilham tal mapa, que são naturais e sempre estiveram ali. No entanto, lembra o autor, não se trata de algo natural. O sentido é resultado de convenções sociais, culturais e linguísticas e podem mudar conforme estes aspectos sofram alguma alteração. Assim, afirma Hall (2016, p. 42), “pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico”. Nesta perspectiva, Knauss (2006, p. 100) completa que esta construção do significado “abre um campo para o estudo dos diversos textos e práticas culturais, admitindo que a sociedade se organiza, também, a partir do confronto de discursos e leituras de textos de qualquer natureza — verbal escrito, oral ou visual”. Há, neste lugar, afirma o autor, disputas, tanto no campo simbólico, quanto social.

Discurso sobre o corpo

É de longa data essa organização social que prevê que meninas e mulheres sejam fiéis aos padrões de comportamento impostos a elas - a nós - colocando-as em moldes: meninas usam rosa e



cuidam da casa; mulheres nasceram para o casamento e a maternidade; os homens devem assumir o papel de provedores da família, mulheres podem trabalhar fora, mas não sem antes dar conta do almoço, da limpeza da casa, das tarefas das crianças e, claro, da dieta balanceada e do exercício físico - importantes para manter o corpo perfeito, ou perto disso.

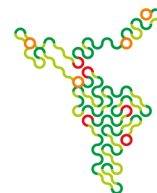
Pesquisas recentes revelam com consistência que, no mundo ocidental, entre a maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e equilibradas, existe uma "subvida" secreta que envenena nossa liberdade: impregnada de conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle (WOLF, 2018, p. 26).

Esse discurso do corpo-padrão não é recente e, como todo padrão social, é passível a mudanças com o passar do tempo e das gerações. As telas renascentistas mostram que, naquele momento, o padrão estava distante do que encontramos nas telas digitais. O mesmo é possível dizer das transformações corporais que vieram com o final do século XX e com os corpos esculturais das modelos fotográficas da década de 1980, como Luiza Brunet, Naomi Campbell, Cindy Crawford e Claudia Schiffer, por exemplo. Já nos anos 2000, os corpos sarados e malhados assumem uma posição de liderança no quesito padrão de beleza: corpos bronzeados com seus abdomens trincados e músculos aparentes influenciaram a indústria da moda e do consumo estético até os dias de hoje.

Mas antes de rechaçar o discurso sobre corpos perfeitos, é preciso refletir sobre a origem desses padrões de beleza, haja vista que não é possível combater aquilo que não se conhece. Fairclough (2016, p. 94), por exemplo, entende que o uso do termo discurso considera "o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual". Ou seja, aquelas práticas que parecem não ter uma origem, que os avós e os pais faziam e que as gerações atuais continuam fazendo, sem pensar muito sobre elas e de onde elas vêm, é o que cria e recria o discurso. É uma parte dele, constitutiva dele e construída por ele, da mesma forma. Um ciclo que, se não for interrompido, permanece infundavelmente, sem qualquer questionamento.

Dessa forma, tomando Wolf (2018) como base, a fim de questionar essa prática do corpo perfeito, que fazem com que as mulheres prefiram "perder 5 a 7 quilos do que alcançar qualquer outro objetivo"³. A autora entende que o mito da beleza é muito mais uma forma de controle sobre os comportamentos femininos que, de fato, um controle sobre o corpo. "O mito da beleza não tem

³ Resultado de uma pesquisa com 33 mil mulheres norte-americanas (WOLF, 2018).



absolutamente nada a ver com as mulheres. [...] O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência" (WOLF, 2018, p. 31).

Movimento Corpo Livre

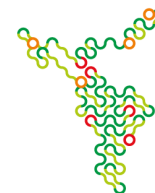
O Movimento Corpo Livre surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, chamado de Body Positive. O intuito do movimento, impulsionado pela segunda onda feminista, incentivava mulheres a estabelecerem uma relação mais afetuosa com seus corpos e, segundo Cwynar-Horta (2016), tem suas raízes no Movimento da Liberação do Gordo. Cabe destacar que, segundo hooks (2018, p. 35), "o pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino", algo que este Movimento tem evidenciado é a possibilidade de uma convivência mais harmoniosa entre mulheres e seus corpos.

Com a ampliação do acesso às redes sociais, movimentos parecidos surgiram no Brasil e, atualmente, a jornalista Alexandra Gurgel utiliza as mídias sociais para fazer as mulheres refletirem sobre seus corpos e sobre as situações que as fazem repensar sua convivência social em função do corpo. A ideia do Movimento, que se popularizou há menos de dez anos, com a ajuda da jornalista e do uso da hashtag #movimentocorpolivre, é incentivar as mulheres a não deixarem que a vergonha de seus corpos as impeçam de viver uma vida mais feliz. No entanto, o Movimento não se restringe apenas à liberdade do corpo gordo, pois também há um incentivo às pessoas que tenham cicatrizes, marcas e manchas em seus corpos, a tentar conviver com suas características de forma mais livre.

Seguindo a mesma linha de Gurgel, as colunistas das revistas Glamour e Vogue, Joana Cannabrava e Carla Paredes, produzem conteúdo para o seu blog Papo sobre Autoestima e para o perfil no Instagram, com o mesmo nome. Elas costumam classificar seu espaço na internet como um "espaço de desconstrução, de reflexão e para aprendermos juntas a sermos cada vez mais amorosas conosco". As blogueiras ainda entendem que há questões sobre corpo e autoestima que não têm respostas simples, mas elas as "buscam incansavelmente".

Análise

O objetivo deste trabalho é analisar como se dá a construção da identidade feminina no perfil do Instagram @paposobreautoestima, das blogueiras Joana Cannabrava e Carla Paredes. Colunistas das revistas Vogue e Glamour, elas produzem conteúdo para a internet desde 2010, quando ainda



tinham o blog intitulado f-utilidades. Desde 2016, elas produzem conteúdo para o blog Papo sobre Autoestima e para o perfil, de mesmo nome, do Instagram.

As colunistas são as idealizadoras desse projeto que segue a linha do Movimento Corpo Livre, algo que é evidenciado já na foto do primeiro post a ser analisado (Figura 1). Nele, Joana e Carla aparecem sorridentes, na praia e de roupas de banho coloridas. Seus corpos não se encaixam no padrão de beleza que é estabelecido, mas as duas não parecem se importar. Em um trecho da legenda lê-se “Por isso, evite se comparar e busque se concentrar em curtir onde você está. Como você está. Como você é agora.” o que parece reforçar a alegria sentida por elas e o que, de alguma forma, se posiciona contra o discurso da beleza ideal que, como afirmou Wolf (2018, p. 31) “de fato sempre determina o comportamento, não a aparência”. O texto continua “Curtir com nosso corpo de forma LIVRE. Aparências enganam, por isso, se pudermos dar um conselho pra (sic) esses próximos dias é: se preocupe menos com o parecer. Gaste seu tempo e energia buscando SER.”

A legenda da foto continua: “curtir com nosso corpo de forma LIVRE. Aparências enganam, por isso, se pudermos dar um conselho pra esses próximos dias é: se preocupe menos com o parecer”. Assim, o texto, aliado à imagem do post, formam um conjunto de imagens, um conjunto de sentidos que, como afirmou Woodward (2014), permite que nos relacionemos com o mundo e, no caso desse post, a relação simbólica que se estabelece entre imagem e verbo é de ressignificado do que é ter um corpo preparado para o verão.

Figura 1: Post de 27 de dezembro de 2019



Fonte: www.instagram.com/paposobreautoestima

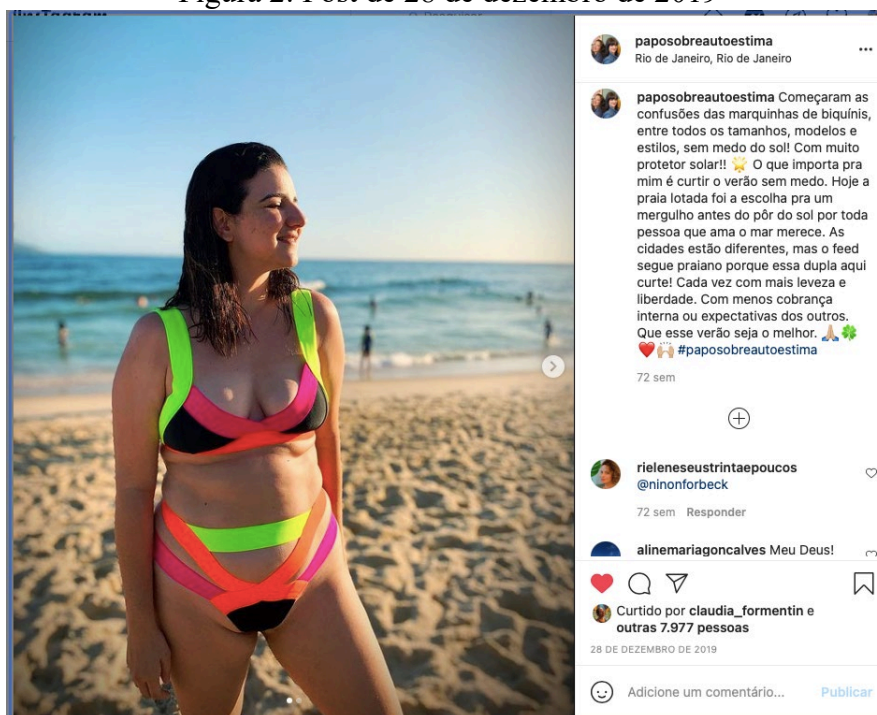
Pensando na linguagem não verbal, a da imagem, percebe-se que os elementos que compõem a fotografia contribuem para formação de novos sentidos no que diz respeito ao corpo da mulher reconstruindo as relações que se estabelecem entre ela e seu corpo e entre ela e a sociedade. Esses elementos não verbais são identificados nas roupas que, mesmo que tenham uma modelagem mais ampla, tem diversidade de cores especialmente em partes que tradicionalmente a sociedade constrói um discurso e esconde (barriga e quadril).

As cores nas roupas de banho também formam novas conexões nos mapas de significados na fotografia do segundo post a ser analisado (Figura 2). Nele, a modelagem do biquíni também cria sentidos diferentes posto que se trata de uma peça mais ousada e com mais partes do corpo aparecendo (especialmente na parte de baixo do modelo). Não é o tipo de peça que usualmente aparece em revistas de moda ou peças publicitárias vestindo mulheres que estejam fora do padrão imposto socialmente. Com isso, o que se percebe é que com um mapa de significados mais amplo “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, 2011, p. 13).

Nesse sentido verifica-se uma provocação por parte das produtoras do conteúdo do perfil no sentido de que o sentido em torno do que é um corpo perfeito seja ressignificado incentivando as mulheres a perceberem a multiplicidade de corpos e, a partir disso, que parece ser um signo ligado

apenas à aparência sejam identificadas múltiplas possibilidades de identidade percebidas para além das formas expostas nas praias.

Figura 2: Post de 28 de dezembro de 2019



Fonte: www.instagram.com/paposobreautoestima

O terceiro post analisado (Figura 3) tem o predomínio de cores claras. Como visto em outros posts aqui analisados as cores possuem significados que vão além da psicologia das cores. Isso porque cores claras são consideradas inadequadas para serem usadas por pessoas que estão com o corpo fora do padrão visto na maioria das revistas femininas. Tal inadequação vem do fato de que, entre outras coisas, as cores claras, por refletirem a luminosidade tendem a dar destaque para as formas de quem as usa. Sendo assim, formas fora do padrão ficam mais evidentes. Além da cor da roupa ser branca neste terceiro post a padronagem da vestimenta é de listras horizontais o que, mais uma vez é desaconselhada para tipos físicos fora dos padrões, pois o olhar de quem vê essa forma tende a acompanhar a linha e, nesse caso, a largura do corpo é evidenciado. Todos esses elementos formam parte do mapa de significado que toca também o corpo da mulher. Assim, evidencia-se, por meio da imagem desse post, que os sentidos formados aqui estão na sociedade e, ao utilizar elementos que ressignifiquem o que é ter um corpo perfeito, as produtoras desse conteúdo reforçam que convenções

sociais, culturais e linguísticas que resultam nos sentidos descritos nesta análise podem mudar conforme estes aspectos sofram alguma alteração.

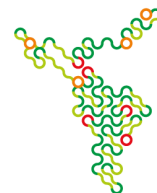
Ainda no post apresentado na Figura 3 as produtoras afirmam que “agora que tantas mulheres estão se sentindo livres com seus corpos, ou que estão flertando com essa liberdade, nos deparamos com um verão de tão pouca liberdade pra curtir em segurança, com a tranquilidade e leveza que a estação reserva?”. Ou seja, elas já percebem a mudança de comportamento, mesmo que ainda seja uma mudança pequena. Aqui, também cabe destacar que o post foi feito em meio a pandemia de COVID-19 e é essa a relação que elas fazem com o fato de mesmo que muitas mulheres estejam se sentindo mais livres com relação ao corpo não podem estar nas ruas e praias para desfilar essa liberdade.

Figura 3: Post de 21/12/2020



Fonte: www.instagram.com/paposobreautoestima

Na relação entre imagens e textos, percebe-se aquilo que Fairclough (2016, p. 94) entende por discurso compreendendo o uso desta expressão como "o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual". Se no uso cotidiano da linguagem o discurso pode ser visto como uma prática social, em um perfil com mais de cem mil seguidores a representação do discurso do corpo é vista como uma prática social ainda mais influente. Se, como afirma Hall (2016, p. 42), “pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e



linguístico”, então o que as influenciadoras vem fazendo em seu perfil é tentar modificar, de alguma forma, a maneira como os corpos femininos são vistos e descritos socialmente. O próprio nome do movimento ao qual elas estão filiadas, Movimento Corpo Livre, evidencia como o corpo das mulheres precisa de uma liberdade a qual nunca tiveram direito. Afinal, as mulheres nunca puderam mostrar seus corpos, exatamente como eles eram, por não estarem encaixadas em padrões inatingíveis. Logo, nunca seriam mostrados.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho era analisar a construção da identidade feminina e se esse discurso da liberdade do corpo é uma alternativa para aquelas que, até então, lutavam para se enquadrar em uma caixa que nem sempre lhes cabia. O que se percebeu, a partir dos posts destacados, é que o tema corpo dá possibilidades de tratar de muitos outros temas que são relacionados ao mundo feminino. Ele, portanto, não pode ser um assunto desconsiderado quando se trata da formação de identidade feminina. Durante a análise, identificou-se que as autoras do perfil apresentam uma multiplicidade de sentidos ao tema, desde a fundação do canal de comunicação aqui analisado até, especialmente, nos posts ora analisados. É possível encontrar a ideia de que corpos não foram feitos para serem escondidos e que a própria participação das influenciadoras no Movimento Corpo Livre permite essa associação. Com seu conteúdo, essas mulheres comuns, com seus corpos absolutamente comuns, mostram às seguidoras que a liberdade de se vestir algo que se queira, deve ser mais importante que o encaixe num padrão de beleza inalcançável.

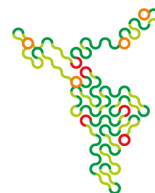
Referências

CWYNAR-HORTA, J. The Commodification of the Body Positive Movement on Instagram. In: **Stream: Culture/Politics/Technology**, 2016, Vol. 8 (2), p. 36-56. Communication and Culture Program, York University. Disponível em: <https://journals.sfu.ca/stream/index.php/stream/article/view/203/180> . Acesso em: 21 Maio 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

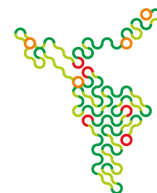
_____. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.



KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406/1274> . Acesso em: 18 ago. 2020.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn (orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2014.



O PROJETO DE INTERVENÇÃO COMO ESTÍMULO A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E O DESPERTAR PARA A CIDADANIA

Edemilson Gomes de Souza¹
Gillys Vieira da Silva²

Resumo: Objetivamos apresentar algumas reflexões sobre o Projeto de Intervenção (PI), buscando caminhos para promover a participação democrática, resolução de problemas e o despertar para a cidadania na perspectiva dos Direitos Humanos. Assinalamos alguns desafios da educação à luz das ideias de Costa & Vieira e Sartori. O relato teve como campo empírico o Projeto de Intervenção (PI), da Escola Ecológica Marcelino Champagnat, que oferece formação integral em tempo integral para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O PI teve início em 2018 como proposta pedagógica integrada no currículo cuja perspectiva é um olhar para o direito social e humano, envolvendo estudantes dos 8ºs e 9ºs anos do ensino fundamental. Ao total, são 150 educandos, com encontros semanais de 1h40 que contam com a mediação de 6 educadores que atuam como orientadores. Alguns resultados percebidos já em 2018: comprometimento pelo bem comum da coletividade; educandos como sujeitos investigadores; desenvolvimento de pensamento reflexivo e crítico; aumento do poder de argumentação verbal; domínio da escrita.

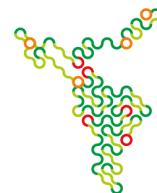
Palavras-chave: Cidadania. Resolução de problemas. Projeto de Intervenção.

Introdução

Os avanços tecnológicos, as mudanças no mundo trabalho e o desenvolvimento de novos conhecimentos, nos fazem questionar os modelos tradicionais de ensino que enfatizam a transmissão de saberes. A contemporaneidade cria cenários na educação, onde os educandos, além de demonstrarem suas incertezas diante do conhecimento, revelam suas inseguranças e mobilizações na busca de sentido para o ser. Os educandos da atualidade questionam, reivindicam, buscam ser ouvidos, quase que num grito de liberdade, de socorro. A escola deve se preparar para a nova configuração da sociedade. “Torna-se, na verdade cada vez mais evidente que os jovens estão em busca de novas propostas para a sua formação e que, para apostarem no estudo, desejam uma escola

¹ Mestrado em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2006). Educador no Marista Escola Social Ecológica -Brasil - Endereço: edemilsomgomes@hotmail.com.

² Pedagoga formada pela Universidade Federal do Pará (2006). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual de Maringá (2011). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2016) e doutoranda em educação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2017). Diretora no Marista Escola Social Ecológica.



que responda a esses anseios e ofereça novos elementos ante suas realidades e vivências.” (SOARES, 2011, p. 25).

Essas mudanças demandam novas metodologias de ensino, reflexões capazes de repensar o papel do educador e ressignificar o conceito de ensino e de aprendizagem. Esse processo possibilita a ambos os atores sociais – docentes e discentes – a formação do senso crítico, diante das diversidades da vida contemporânea.

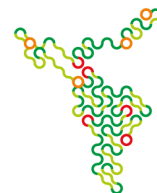
Nesse cenário urge uma postura ética inclusiva, capaz de promover contínuas reflexões sobre a prática pedagógica, em uma atitude de abertura às novas possibilidades de se ofertar ao educando espaços contextualizados de aprendizagem. Somos sujeitos sociais, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhando saberes historicamente constituídos, negociando significados, em uma ação necessária, natural e inevitável. Para Freire (2003), “todos educam; todos ensinam e aprendem. Por isso, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Aprender e ensinar são experiências paradoxais e complexas, que alavancam o ensino em um movimento dialético, dialógico e contínuo. São funções estruturantes que mobilizam a criatividade e não estão circunscritas ao espaço escolar, embora seja nele que a formalidade ocorra e os processos ganhem sistematicidade e aperfeiçoem procedimentos que alavancam o que entendemos por ensinar e aprender (FREIRE, 2003).

O processo de ensino-aprendizagem não se realiza apenas no contexto da educação formal, ele está nas mídias, nas relações sociais, nos espaços públicos, entre outros. O que falta na escola, os jovens buscam em outros espaços.

Uma das formas mais acessíveis de proporcionar aos alunos que aprendam a aprender é a utilização da resolução de problemas no ambiente escolar e no território como metodologia de ensino. A solução de problemas baseia-se na apresentação de situações abertas e sugestivas que exijam dos alunos uma atitude ativa ou um esforço para buscar suas próprias respostas, seu próprio conhecimento. O ensino baseado na solução de problemas pressupõe promover nos alunos o domínio de procedimentos, assim como a utilização dos conhecimentos disponíveis, para dar resposta a situações variáveis e diferentes.

Porém não basta apenas ensinar a resolver problemas, mas incentivar que o aluno também proponha situações problema, partindo da realidade que o cerca, que mereçam dedicação e estudo.



Incentivar o hábito pela problematização e a busca de respostas de suas próprias indagações e questionamentos, como forma de aprender.

A resolução de problemas tem grande poder motivador para o aluno, pois envolvem situações novas e diferentes atitudes e conhecimentos. Ela possibilita discussões, argumentações, questionamentos e explicações, de modo a mobilizar o pensamento do educando.

Essa metodologia nos apresenta uma filosofia e uma prática da educação e da comunicação baseadas no diálogo, na investigação e na participação, que não exigem somente perguntas, mas também uma mudança de atitude e de intervenção na comunidade.

Resolução de Problemas: Um Caminho Possível Para o Protagonismo na Adolescência

O adolescente deve ser visto pelo educador não como uma ameaça à autoridade dos adultos ou à ordem imperante na instituição escolar, mas como possibilidade de construção de conhecimento para uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com Costa e Vieira (2006, p.218) para que isso ocorra, é preciso que:

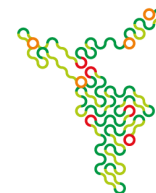
[...] o educador mude sua maneira de ver, de entender e de agir em relação aos educandos. A adesão à perspectiva pedagógica do protagonismo juvenil vai muito além da assimilação pelo educador de algumas noções e conceitos a respeito do tema.

Antes de qualquer coisa, essa adesão deve traduzir-se em um compromisso de natureza ética do educador com essa pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, que é o adolescente. O protagonismo deve ser vivido como participação do adolescente no ato criador da ação educativa, em todas as etapas de sua evolução.

Além de um compromisso ético, a opção pelo desenvolvimento de propostas que tenham por base o protagonismo juvenil exige do educador uma clara vontade política no sentido de contribuir – através de seu trabalho - para a construção de uma sociedade que respeite os direitos de cidadania e aumente progressivamente os níveis de participação democrática de sua população.

A clareza conceitual, o compromisso ético e a vontade política só potencializam verdadeiramente sua ação quando o educador estiver comprometido em níveis que ultrapassem o mero conhecimento do assunto, ou seja, quando estiver emocionalmente envolvido com a causa da dignidade plena do adolescente.

Segundo Jacques Delors (1998) o professor deve estabelecer uma nova relação com quem está a aprender, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não alguém que transmite conhecimentos, mas que ajuda seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não



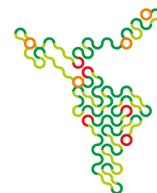
modelando os espíritos e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda uma vida.

Quando existe um compromisso do educador com a participação efetiva do educando, o terreno está preparado para o exercício de ações protagonistas. Nesses casos, segundo Costa e Vieira (2006, p.219) a evolução do trabalho com adolescentes observa de modo geral as seguintes etapas:

1. Apresentação da situação-problema – A situação problema deve ser apresentada da maneira mais realista e desafiante possível. É necessário embasá-la em dados e informações objetivos. Quanto maior a participação nessa etapa, maior a facilidade para envolver o grupo e torná-lo mais coeso nas etapas posteriores.
2. Proposta de alternativas ou vias de solução – deve-se extrair do grupo o máximo de alternativas para a situação apresentada.
3. Discussão das alternativas de soluções apresentadas – As propostas devem ser discutidas e criticadas livremente. É necessário que o grupo tenha claro que são as ideias, e não as pessoas que as apresentaram, que estão em análise.
4. Tomada de decisão – Durante a discussão, o grupo vai eliminando as alternativas mais inviáveis e inconsistentes até chegar o momento da decisão final, que pode ser unânime ou majoritária. Só em caso de omissão da maioria do grupo, a solução deve ser minoritária. Esta, contudo, é uma situação indesejável que deve ser evitada ao máximo pelo educador.

Desenvolvendo essas quatro etapas, o grupo estará apto a ajudar a elaborar um projeto para responder a um problema real ou satisfazer uma necessidade sentida em sua comunidade. Com isso, a equipe juvenil adquire mais confiança em si mesma e amplia seu desejo e capacidade de intervir em seu entorno social (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 220).

Quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce destes projetos que fazem com que se ultrapassem as rotinas individuais, que valorizam aquilo que é comum e não as diferenças. Graças à prática do desporto, por exemplo, quantas tensões entre classes sociais ou nacionalidades se transformaram afinal em solidariedade através da experiência e do prazer do esforço comum? E no mercado de trabalho, quantas realizações

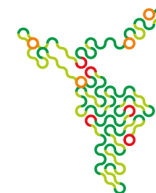


teriam chegado a bom termo se os conflitos habituais em organizações hierarquizadas tivessem sido transcendidos por um projeto comum?

A educação formal deve, pois, reservar tempo e ocasiões suficientes em seus programas para iniciar os jovens em projetos de cooperação, desde a infância, no campo das atividades desportivas e culturais, evidentemente, mas também estimulando a sua participação em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações. As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/aluno (DELORS, 1998).

Sem dúvida, trabalhar em projetos, aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros, representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX e início do século XXI. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora, a educação não pode fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das duas culturas, da sua espiritualidade?

É louvável a ideia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que constitua apenas um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm a tendência de supervalorizar suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza atualmente atividade econômica no interior de cada país e, sobretudo, em nível internacional, tem a tendência de dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De fato, essa competição resulta, atualmente, numa guerra econômica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres, que divide as nações do



mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar este clima, devido a uma má interpretação da ideia de emulação (DELORS, 1998).

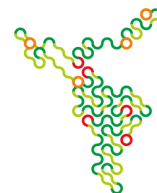
Que fazer para melhorar a situação? Segundo Jacques Delors, para reduzir o risco, não basta pôr em contato e em comunicação membros de grupos diferentes (através de escolas comuns a várias etnias ou religiões, por exemplo). Se, no espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição ou se o seu estatuto é desigual, um contato deste gênero pode, pelo contrário, agravar ainda mais as tensões latentes e degenerar em conflitos. Pelo contrário, se este contato se fizer num contexto igualitário, e se existirem objetivos e projetos comuns, os preconceitos e a hostilidade latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até à amizade.

Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

Segundo Costa e Vieira (2006, p.220) esses projetos devem ser elaborados pelos próprios educandos e devem ser previamente explicados pelos próprios educandos – através de reuniões, encontros, assembleias ou visitas – a todos os setores afetados pelas ações do grupo. Ao elaborar um projeto, os alunos devem certificar-se da importância do mesmo: o grupo deverá verificar se este está claramente direcionado para sanar um problema ou suprir uma necessidade da comunidade. Para Costa e Vieira (2006, p.220) é preciso, primeiramente, estabelecer os objetivos do projeto para saber se está sendo alcançado e, então, determinar os métodos e formas a serem utilizados para abordar o problema.

Quando se trata de projetos de protagonismo juvenil, o acerto e o erro têm valor positivo, pois ambos podem ser usados pelo educador para alimentar e retroalimentar o processo de aprendizagem, crescimento e desenvolvimento dos jovens, como pessoas e como cidadãos.

O papel do educador junto aos jovens envolvidos na realização de ações de protagonismo pode ser desempenhado de várias maneiras, tais como: ajudar o grupo a identificar a situação problema e posicionar-se diante dela; empenhar-se para que o grupo não desanime nem se desvie dos objetivos propostos; favorecer o fortalecimento dos vínculos entre os membros do grupo; animar o grupo, para que não se deixe abater pelas dificuldades; motivar o grupo a avaliar permanentemente a sua atuação e, quando necessário, replanejá-la; zelar permanentemente para que a ação dos educandos seja compreendida e aceita por todos os que com eles se relacionam no curso do processo; estar atento



para a manutenção de um clima de empenho e mobilização por parte de todos os membros do grupo; colaborar sempre que necessário – na avaliação das ações desenvolvidas e na incorporação de suas conclusões às etapas seguintes do trabalho.

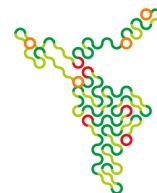
De acordo com Jorge Boran (1985), que trabalhou muitos anos com jovens, a presença ativa de educadores na formação é fundamental. O adulto traz duas coisas importantes: experiência e teoria.

Os jovens enfrentam muitas situações pela primeira vez. O educador já passou por experiências semelhantes e muitas vezes têm consciência de elementos que escapam à compreensão de uma geração mais nova. Alguém com trinta anos de experiência têm mais distância e, portanto, mais objetividade diante de certas situações. Mas, é claro, há exceções. Nem todo adulto aprendeu com a experiência de vida.

É normal que os jovens passem por instabilidade emocional nessa etapa da vida. Nesses casos, os adultos servirão como elementos estabilizadores. Os educadores é quem garantem a continuidade no trabalho de formação, fazendo com que seja aproveitada toda experiência acumulada, na medida em que vão se revezando as várias gerações de jovens. Os protagonistas são os jovens, é claro. Mas os educadores funcionam como parteiras que, com suas experiências e conhecimento teórico, facilitam o nascimento do novo (BORAN, 1985, p. 90).

É importante que o educador que se disponha a atuar como mediador de grupos jovens e adolescentes desenvolva os seguintes atributos e habilidades: ter convicção do significado que a participação na solução de problemas reais da sua comunidade tem para o desenvolvimento pessoal e social de um jovem; conhecer os fundamentos, a dinâmica e a evolução do trabalho com grupos; apreender a situação ou problema que se pretende enfrentar; ter boa compreensão do projeto e ser capaz de explicá-lo quando necessário; participar das ações grupais, mesmo não sendo na condição de mediador; administrar oscilações de comportamentos comuns entre os educandos, como conflitos, passividade, indiferença, agressividade e destrutividade; ser capaz de conter-se para proporcionar aos educandos a oportunidade de pensar e agir livremente; respeitar a identidade, o dinamismo e a dignidade de cada um dos membros do grupo.

Essa maneira de trabalhar com os adolescentes pode contribuir para que muito do que hoje é considerado problema se transforme, amanhã, em solução. Para isso, o fundamental é acreditar sempre no potencial criador e na força transformadora dos educandos. Nesse sentido e com base nesses pressupostos, a Escola Ecológica Marcelino Champagnat desenvolve um Projeto de Intervenção – PI, que visa estimular os educandos a pesquisar, refletir e incidir sobre problemas identificados em sua comunidade, conforme descreveremos a seguir.



Prática Pedagógica de Resolução de Problemas

A Escola Ecológica Marcelino Champagnat é uma das 23 unidades sociais do Grupo Marista, está localizada no município de Almirante Tamandaré, Região Metropolitana de Curitiba, atende 300 educandos no Ensino Fundamental anos finais, com currículo integrado com enfoque em direitos humanos, é uma escola que oferta educação integral em período integral.

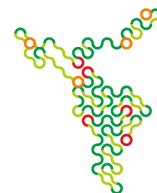
No ano de 2018, na perspectiva de resolução de problemas, pensou-se junto aos educandos o projeto de intervenção com uma metodologia diversificada que proporciona momentos coletivos que permeiam reflexões e apropriações do uso da linguagem, buscando despertar nos sujeitos o desejo de aprofundamento em um tema que lhes chame atenção e ao mesmo tempo exija pesquisa e produção de conhecimento.

Os encontros ocorrem às segundas-feiras, nas duas primeiras aulas da manhã, com as 3 turmas do 8º ano, e na quarta e quinta aula, com as 3 turmas do 9º ano. Nos oitavos anos, os educandos os educandos têm acesso a reportagens, vídeos e artigos sobre temáticas diversas de forma a despertar o interesse por algo que esteja mais próximo de sua realidade e pelo qual se sintam impelidos a pesquisar e contribuir.

Durante as aulas, os professores ensinam técnicas de pesquisa e de formatação de trabalhos para que possam ir se familiarizando com normas acadêmicas. Além disso, atenção especial é dada a escrita, na elaboração de resumos e desenvolvimento de textos correntes, assertivos e eloquentes sobre a temática de estudo.

Nos nonos anos, aprofunda-se a pesquisa e os educandos precisam propor uma ação interventiva que possa ajudar na eliminação ou redução do problema.

No ano passado os educandos apresentaram em banca para os professores e demais colegas o resultado dos trabalhos que tiveram como temáticas principais: bullying na escola; violência sexual; uso de drogas; preconceito contra os skatistas; violência contra a mulher; moradores de rua; um problema social; violência no esporte; fome; corrupção; aborto na adolescência; racismo virtual; entre outros.



Resultados:

Como alguns resultados já observados no primeiro ano do projeto podemos relatar: comprometimento pelo bem comum da coletividade; educandos como sujeitos investigadores; desenvolvimento de pensamento reflexivo e crítico; aumento do poder de argumentação verbal; domínio da escrita.

De acordo com a educadora Amanda Lima, que compõe a equipe de 6 educadores que estão à frente do projeto, as atividades desenvolvidas no Projeto de Intervenção, incentivam a solidariedade, a resolução de problemas e a participação em sala de aula.

Segundo Kaluf Maeder, educador da equipe do PI, as intervenções são voltadas para temas sociais e pedagógicos, saindo do universo intimista dos educandos e servindo à comunidade, por meio de apresentações, arrecadações de roupas e campanhas educativas com temas transversais: racismo, gênero, entre outros.

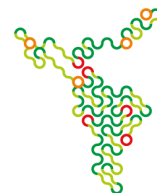
Na opinião da educanda Mariana³ “está sendo muito legal, estamos aprendendo mais sobre o nosso tema: baixa autoestima, trabalhando com isso a gente pode ver como é ruim e prejudica as pessoas, porque muitas das vezes deixamos de lado esse assunto e fingimos que não acontece. O PI ajuda bastante nos estudos e a pensar no outro.”

A escola que queremos e o olhar que precisamos para o processo de ensino-aprendizagem não é algo novo. Na verdade o que há de novo é a possibilidade de integrar, de acolher, de os educandos terem acesso ao capital cultural exigido pela escola e pela sociedade, por meio de práticas de resoluções de problemas, de contemplar o individual e o todo, o vazio e o cheio, o diferente e o igual, a multiplicidade e a singularidade, o construir e o desconstruir, em sucessivas idas e vindas. Em uma perspectiva que se abre, sucessivamente, para muitas outras.

Referências

BORAN, Jorge. **Juventude: O Grande Desafio**. Editora: Paulinas, 1985.

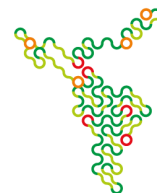
³ Nome fictício.



COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil:** Adolescência, educação e participação democrática. São Paulo, 2006. FTD. Fundação Odebrecht.
DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. **Extensión o Comunicación?** La concientización en el medio rural. Buenos Aires, Siglo XXI, 1973 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para o ensino médio. – São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Educomunicação).



QUEM É ESTA MULHER? IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS CAPAS DA REVISTA CLAUDIA

Cláudia Nandi Formentin¹
Beatriz Formanski²

Resumo: A representação da imagem feminina nos veículos de comunicação vem mudando ao longo dos anos. A identidade é um conjunto de significado e experiência de um povo que é marcada por meio de símbolos, criando assim uma visão de que identidade é construída e também adaptada, mudada. Autores como Stuart Hall (2006) defendem que o conceito de identidade está sendo desconstruído e que novas identidades estão surgindo. A partir disso, o objetivo deste estudo é analisar como a mídia, mais especificamente a revista Claudia, vem representando a mulher ao longo dos anos em suas capas. As capas analisadas são referentes ao mês de maio dos anos de 1999, 2009 e 2019. O feminismo, em suas ondas, trouxe diversas pautas à tona, que antes não eram sequer mencionadas em veículos de comunicação que prezavam por enaltecer um padrão de beleza feminino. Segundo Swain (2001), mulheres não se interessam somente por moda, culinária e quais as melhores posições sexuais. Assuntos como política, livros e debates de gênero ainda são assuntos negligenciados, não atendendo as necessidades das mulheres, para a autora essa discussão envolve diversos aspectos de um todo. A partir da análise percebeu-se uma pequena mudança quanto a representação feminina na referida revista.

Palavras-chave: Identidade. Representação. Mulher. Revista

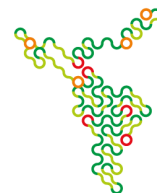
Who is this woman? Identity and female representation on de covers of Claudia Magazine

Astract: The representation of the female image in the media has been changing over the years. Identity is a set of meaning and experience of a people that is marked by symbols, thus creating a view that identity is built and also adapted, changed. Authors like Stuart Hall (2006) argue that the concept of identity is being deconstructed and that new identities are emerging. Based on that, the objective of this study is to analyze how the media, more specifically the magazine Claudia, has been representing women over the years on their covers. The covers analyzed are related to the month of May of the years 1999, 2009 and 2019. Feminism, in its waves, brought several agendas to the fore, which before were not even mentioned in media outlets that prized for extolling a standard of female beauty. According to Swain (2001), women are not only interested in fashion, cuisine and what are the best sexual positions. Issues such as politics, books and gender debates are still neglected, not meeting the needs of women, for the author this discussion involves several aspects of the whole. From the analysis, a small change was noticed regarding the female representation in the referred magazine.

Keywords: Identity. Representation. Woman

¹ Doutora em Ciências da Linguagem. Professora da UniSatc (Criciúma, Santa Catarina, Brasil)

² Graduada em Jornalismo na UniSatc (Criciúma, Santa Catarina, Brasil).



INTRODUÇÃO

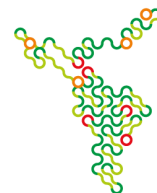
A identidade é criada a partir de símbolos que constituem um significado. Esse conceito não é imutável, podendo assim ser alterado e adaptado ao longo do tempo, como explica Hall (2016). Partindo desse princípio, a representação da figura feminina na mídia se baseia em uma identidade da mulher criada por uma sociedade. Para Heberle (2004), os conteúdos destinados ao público feminino constroem um perfil de mulher que consome assuntos limitados como sedução e sexo, família, casamento, maternidade e futilidades, voltados geralmente às mulheres brancas, heterossexuais, de classe média.

Beleza e alegria são pregadas como padrão e contrastam com a falta de saúde que as revistas mostram no interior, por exemplo, organizada estruturalmente pelo jogo de oposições, as imagens de capa e da contracapa se articulam em oposições para reforçar a falta e a carência do que é proposto como ideal: a saúde e seus apoios que são beleza, alegria e felicidade. Swain (2001) evidencia a ausência de debates que envolvam política, economia e opinião em revistas femininas.

Nesse contexto, identidade e representação passam a ser incluídas em vários contextos e são neles que surgem perguntas como. Para fins desta pesquisa pergunta-se então: Como é construída a representação da identidade feminina nas revistas femininas? Para responder essa questão definiu-se como objetivo geral: analisar como são construídas as representações da identidade feminina nas capas da referida revista nas edições de março de 1999, 2009 e 2019, mês da mulher. Esta pesquisa enquadra-se como básica ou fundamental, com abordagem do problema como qualitativa. O embasamento teórico à análise apresenta Hall (2016) e Castells (2018) como principais autores das teorias de Identidade e Representação e Buitoni (2009) e Swain (2001) na ênfase dos conteúdos sobre mulher e mídia feminina.

IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E A MULHER NA MÍDIA

Identidade e representação são duas palavras que tomaram o centro das rodas de conversa nestes primeiros anos no século XXI. Isso se deve em parte pelo fortalecimento de grupos antes colocados à margem da sociedade. Nesse sentido, percebe-se o questionamento sobre padrões hegemônicos em que tais grupos que, mesmo sendo uma parcela da sociedade - seja pelo poder de compra e pela porcentagem da população da qual fazem parte -, não conseguem se ver. Castells (2018) afirma que a identidade é construída a partir das diversas formas de relacionamento que o ser humano



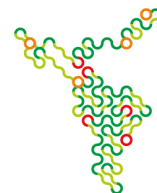
estabelece com a sociedade que o cerca (religião, família, escola, meios de comunicação, etc). A identidade só se torna uma identidade a partir do momento em que os atores sociais a internalizam, construindo assim, um mapa de significados compartilhado com a comunidade da qual fazem parte.

Hall (2016) afirma que a identidade tem sua formação e perpetuação por meio da linguagem, concedendo sentido pela representação. As palavras, histórias e imagens veiculadas nas mais diversas plataformas estão diretamente relacionadas com a maneira que se agrega valor a elas. Por isso, o autor explica que ao compartilhar alguns elementos as pessoas que estão dentro de uma mesma cultura costumam ver o mundo de forma parecida, compreendendo com facilidade os enunciados expostos. Os indivíduos da mesma cultura conseguem interpretar e dar sentido às coisas de maneira semelhante, pois compartilham certos signos e seus significados.

Para Hall, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 9). Seguindo com o mesmo raciocínio, Cunha (2007) defende que hoje é possível perceber o “desmoronamento de muros, reais e simbólicos” (CUNHA, 2007, p. 73) juntamente com o redirecionamento da desconstrução dos consolidados padrões estéticos universais, que por tanto tempo, serviram para mascarar a dominação cultural europeia e masculina, que pode ser identificada pela linguagem nas relações de poder e dominação, o trabalho ideológico do texto, a negociação de identidades pessoais e sociais em seus aspectos linguísticos.

Apresentando o conceito de representação Hall (2016) explica que a base da teoria consiste no esquema de semelhanças e diferenças sobre determinado elemento ou signo, como por exemplo pássaros e aviões. O fato semelhante entre os dois é que ambos voam, porém um vêm da natureza e o outro de uma criação humana. Essa relação entre os dois conceitos é que permite que o sistema de representação possa ser classificado, por meio de mapas conceituais. Os mapas são carregados individualmente no inconsciente de cada pessoa, sendo assim únicos. Porém, o que dá sentido ao conceito de representação é que os pensamentos podem ser compartilhados pela comunicação, em seus mais diversos âmbitos, e isso cria a capacidade de se sentir representado e de pertencer a algo.

Há a presença de material direcionado às mulheres publicado em meios jornalísticos (jornais e revistas) desde o século XIX (BUITONI, 2009). As revistas femininas brasileiras datam, segundo Buitoni (2009), de 1820 e têm seu conteúdo relacionado à moda e à literatura. No sentido de linguagem como elemento de representação, Scalzo (2003) afirma que quando as revistas femininas



chegaram no Brasil elas eram escritas por homens, que falavam sobre o padrão de vida europeu focado em moda e dicas culinárias. E depois disso os assuntos abordados começaram a se diversificar. Em 1961 nascia a revista *Claudia*, no início com um estilo tradicional, abordando assuntos como cotidiano, moda, receitas e decoração, mas num segundo momento a revista abre um leque de possibilidades e mudanças na vida das mulheres. Em 1963 era possível ver uma mudança profunda no jornalismo feminino, por influência da jornalista e psicóloga Carmen da Silva, titular da coluna “A arte de ser mulher”. Para Scalzo (2006, p. 34), a presença do texto de Carmen da Silva “quebrou tabus e aproximou-se de forma inédita das mulheres, tratando temas até então intocáveis”.

Analisando como o feminino é construído, através de palavras, imagens e também dos temas abordados nas capas da revista percebe-se por meio da análise de Castells (2018) que o corpo feminino pode absorver significado em torno de uma família que tenha um estereótipo do que seria uma “verdadeira mulher”, em um misto de sedução, maternidade e submissão. Dessa forma percebe-se que Castells (2018) concorda com Buitoni (2009, p. 201), visto que a autora explica que na imprensa feminina “não há uma ancoragem temporal imediata. Podemos classificar as matérias da imprensa feminina como contemporâneas, pois tratam de assuntos de seu tempo. Todavia, a atualidade que torna uma matéria ‘quente’ frequenta bem pouco suas páginas”.

Swain (2001) evidencia que a resistência das mulheres ao modelo imaginário em que foram colocadas em diversas narrativas só reproduz as desigualdades de gênero sofridas, seja no meio social ou midiático. O mundo da comunicação propaga imagens e representações sociais que partem de uma memória discursiva com estereótipos femininos e masculinos definidos. Swain (2001) ainda declara que o discurso empregado na mídia propõe um corpo feminino útil e dócil que tornam inquestionáveis as imposições sociais do sexo biológico das pessoas, fundamentando um jogo misto de linguagem, imagem e mecanismos que se enquadram em um padrão pré-determinado. Retomando o aspecto de representação e identidade social Buitoni (2009), defende que a imprensa feminina cumpre o papel de potencializar os padrões, não colocando em destaque os conflitos sociais que estes acarretam.

Observando a maneira de “dizer” a mulher, Buitoni (2009) descreve algumas formas de representação evidentes na mídia: 1) a mulher-oásis, 2) a mãe sofredora:, 3) a sacerdotisa da beleza, 4) Iracema dos lábios grossos, preconceito entre a Iracema branca e ideal com a Iracema negra e concreta, classe social como definição de editoria, 5) a mulher-celuloide, 6) a garota moderna, 7) a dona de casa insatisfeita: mulheres que já haviam entrado na sociedade de consumo que questionavam

as relações de dominação, 8) a liberada e a marginal, 9) a gatinha e a beleza fundamental, com a desconstrução do ideal de beleza como algo externo, mas uma definição voltada para a beleza interior, e 10) a segura e sexy, com o foco voltado para as celebridades, em que o corpo se torna um elemento essencial na construção de uma imagem pessoal.

Análise de dados

A revista Claudia começou a sua história no Brasil em 1961, e é uma das primeiras revistas femininas do país que acompanhou a mudança em todos os âmbitos da vida das mulheres. Da primeira publicação até o presente momento foram escolhidas para análise neste artigo as capas do mês de março, mês dedicado às mulheres. Deste modo esta pesquisa analisará como a imagem feminina é representada e apresentada nas capas da revista Claudia nos meses de março nos anos de 1999, 2009 e 2019, abrangendo assim as últimas três décadas de publicação da revista.

Figura 1 - Edição março de 1999



Fonte: Revista Claudia (1999).

A primeira capa, de 1999 (figura 1), traz como modelo uma mulher branca, loira de olhos claros e magra que, para Heberle (2004), faz parte de elementos ilusórios e de pura fantasia, como a escolha de uma modelo sedutora, bem vestida e com assuntos limitados a sedução, sexo e casamento voltados para brancas, heterossexuais, de classe média. Quanto às chamadas, pode-se identificar que

três delas estão ligadas a categoria de beleza; duas chamadas sobre dinheiro e uma chamada sobre um assunto geral. Além disso, uma chamada referente a sexo, uma com ligação a vida profissional e outra sobre moda.

Nessa edição as categorias com mais chamadas foram a de beleza, com três, e a sobre finanças, com dois assuntos mencionados. Percebe-se assim que havia uma reafirmação de ao menos um assunto que é relacionado ao público feminino, a beleza. Este elemento é reforçado por signos não verbais presentes na foto havendo assim um complemento. É essa relação, segundo Hall (2016), que dá sentido ao conceito de representação no compartilhamento da comunicação.

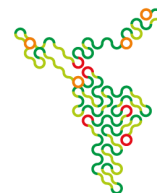
Uma outra aplicação dessa ideia é de que a mulher é apontada como um sujeito independente. Nesse sentido, as chamadas desta categoria, na capa de 1999, indicam uma tendência da mulher se ver mais independente. A revista, neste quesito funciona como um manual educativo de como fazer algo, raramente mencionando assuntos que não estejam ligados aos supostos interesses femininos como defendeu Heberle (2004). Desta forma, a mulher que é “dita” (BUITONI, 2009) pela revista, aponta um caminho de mudança.

Figura 2 - Edição de março de 2009



Fonte: Revista Claudia (2019).

A capa de 2009 (Figura 2) contém três ligadas à beleza. A capa é estrelada pela modelo Gisele Bündchen. Assim como na capa de 1999, a modelo reproduz um padrão hegemônico de beleza. A foto de capa da modelo se encaixa no perfil que Buitoni (2009) descreveu como a mulher segura e



sexy, com o olhar voltado para as mulheres famosas, que tem no corpo um elemento essencial na construção de uma imagem pessoal.

Em relação à juventude estampada nos comerciais Hooks (2017) defendeu como é possível perceber que ao mesmo tempo que em artigos sobre as quebras de padrões são publicados, as imagens das capas trazem corpos jovens e que representam o máximo do padrão de beleza. Isso acontece pois, ao mesmo tempo que uma das chamadas reconhece a necessidade nutricional de cada idade coloca uma modelo que representa o padrão de beleza de uma juventude magra. Dessa forma mesmo que na chamada não haja a menção de uma alimentação que seja para se manter magra e/ou jovem, a leitora da revista poderá associar com a imagem da modelo. Moreno (2008) completa dizendo que o ideal de beleza pregado e ilustrado pela mídia promove um desejo e busca incessante de uma perfeição inatingível de maneira imperativa, retomando novamente as representações midiáticas definidas por Buitoni (2009), como por exemplo, a mulher-celuloide que se encaixa em quaisquer rótulos que sejam criados por ideologias norte-americanas e europeias.

Também três chamadas sobre assuntos gerais, como: adolescentes, guia de comida e bebida e espiritualidade. Na primeira percebe-se relação com um dos papéis que são historicamente ligados à mulher: o de mãe, mesmo que isso não esteja evidenciado. Destaca-se que a maternidade faz parte do universo feminino e, portanto, não pode ser esquecida, porém, em contrapartida, a paternidade também faz parte do mundo masculino e precisa ser evidenciada da mesma forma. Uma chamada ligada a sexo. Uma sobre o mundo da moda que, segundo Woodward (2014), faz parte da mídia como emissora da posição da mulher, com imagens em que ela possa se identificar e assim vender coisas, nem que sejam ideias, com apelo às consumidoras. E uma que poderia se encaixar em duas categorias, sendo elas dinheiro e atualidade.

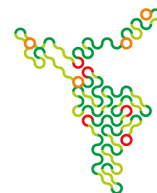
Figura 3 - Edição de março de 2019



Fonte: Revista Claudia (2019).

A capa da revista de março de 2019 (Figura 3) é estampada por duas mulheres, uma cantora negra e uma atriz branca. É possível observar uma quebra dos padrões raciais, porém, não existe uma quebra de ideal de beleza, que se dá quando as modelos fogem do padrão de cabelo e corpo pregados na atualidade, como afirma Castells (2018) ao observar que as mídias voltadas para o público feminino reforçam um padrão de beleza que é imposto pela sociedade, e as mulheres consomem esse produto, reforçando dentro de si mesmas um estereótipo a ser seguido. Inverter esse quadro, como é proposto pela figura 3, é de acordo com Vianna (2005), de extrema importância para que a diversidade da população feminina possa ser contemplada pela mídia, por meio dos direitos humanos. Ainda assim, alguns padrões como a juventude, magreza e beleza podem ser identificados na escolha das modelos.

A capa contém cinco chamadas, “Brumadinho. A dor sem fim de quem perdeu pai, filho e companheiro”, “Ser mulher. A cantora Iza e a youtuber Kéfera debatem o exercício do feminismo no dia a dia: como lidar com machismo, racismo, cobranças”, “Corrupção. Cinco brasileiras que lutam contra o desvio de dinheiro público” e “#EUTENHODIREITO” se encaixam na categoria de atualidades. Essa quebra de padrão em relação aos últimos anos se dá ao que Buitoni (2009) chama de “dizer” a mulher. As mudanças identificadas se explicam quando se percebe que a imagem da mulher em relação ao olhar social também está em constante transformação.



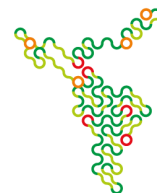
Percebe-se que o número de matérias relacionadas à beleza diminuiu, e na última edição, não obteve nem mesmo uma chamada. Os assuntos relacionados a dinheiro estiveram presentes nas capas em todas as edições e com mais matérias na capa de 1999. Moda e sexo estiveram presentes nas duas primeiras edições analisadas, mas na última não teve o mesmo espaço. Assuntos ligados à vida profissional das mulheres estamparam as revistas de 1999 e 2019. Assuntos gerais ganharam mais espaço em 2009 do que em relação a 1999 e 2019. Na última edição a maioria das chamadas estava relacionada com fatos da atualidade, categoria não utilizada antes. É possível perceber que a soma de todas as edições em relação ao número de conteúdo gerado é maior quando se trata de beleza, seguido de assuntos envolvendo atualidade e temas gerais podem ser identificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi desenvolvido com o intuito de analisar a identidade e representação da mulher nas capas da revista Claudia ao longo dos anos. As capas analisadas foram referentes ao mês de março dos anos de 1999, 2009 e 2019. Durante a construção do artigo observou-se como os conteúdos mudaram. Desde os assuntos colocados nas capas até as modelos escolhidas, ficou evidente a mudança sofrida com o passar dos anos. A maneira como o público feminino se identifica e se sente representado mudou, como afirma Hall (2016).

Conclui-se que, nas duas primeiras edições analisadas, o conteúdo publicado reforça, mesmo que nem sempre, estereótipos relacionados às mulheres na identidade da sociedade, dificultando a igualdade entre os gêneros e potencializando padrões como defende Buitoni (2009). Foi possível perceber também assuntos ousados para os anos de publicação, como por exemplo a revista de março de 1999 que traz em sua capa duas chamadas sobre assuntos financeiros. O que é pouco visto nas edições seguintes, objetos de análise deste estudo.

Contudo, na última capa analisada identificou-se uma mudança significativa na escolha dos assuntos elencados na capa e na escolha das modelos, que rompe com alguns padrões e estereótipos impostos ao longo dos anos. Identificou-se a ausência de assuntos relacionados à moda, beleza e sexo e a presença de assuntos sobre finanças nas capas de 1999 e 2009, vida profissional e atualidades. No decorrer da análise foi possível perceber que a mulher quer fazer parte do debate público e as mídias femininas tem a responsabilidade de promover essa inserção por meio de pautas que quebrem padrões e estereótipos.



Referências

- BITTONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 2018.
- CUNHA, Maria Jandyrá. **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. Centauro, 2007.
- GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza. **Reflexões e problemas da "transmissão" intergeracional no feminismo brasileiro**. Goiás. 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HEBERLE, Viviane M. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 4, n. esp, 2004.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2017.
- MARQUES DE MELO, José; BRITTES, Juçara Gorski. Teoria do jornalismo: identidades brasileiras. **São Paulo: Paulus**, 2006.
- MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. Editora Ágora, 2008.
- PUGA, Vera Lucia. **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Editora contexto, 2003.
- SGARBIERI, Astrid Nilsson. Representações do gênero feminino na mídia impressa. **Estudos linguísticos**, v. 35, p. 386-371, 2006. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/710.pdf>. Acesso em: 03 abri. 2019.
- SWAIN, Tania Navarro. **Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas femininas**". São Paulo em perspectiva, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001.
- VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, v. 43, 2005.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.